

13. SAMBA, SAMBA, SAMBA O LELÊ

Marina Basques Masella

O trabalho aqui relatado aconteceu durante o primeiro semestre de 2018 na Emei Nelson Mandela, localizada no bairro do Limão, zona norte de São Paulo, em uma turma multietária composta por crianças de 4, 5 e 6 anos, e uma vez por semana, dentro do território de aprendizagem nomeado pela escola de cultura corporal. O público atendido pela instituição é formado por sujeitos advindos de diferentes camadas sociais, podendo afirmar que uma parcela é caracterizada por maiores dificuldade no acesso aos serviços públicos, enquanto outra parte apresenta melhores condições de acesso até mesmo aos serviços vinculados a instituições particulares da região. A escola pertence ao programa do município de São Paulo intitulado “Escola de tempo Integral”, atendendo às crianças das 8 às 16 horas, sendo que cada turma possui uma professora que atua das 8 às 12 horas e outra das 12 às 16 horas.

Atenta ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar, considerando o tema do Projeto Especial de Ação (PEA), que no ano vigente está se dedicando ao estudo de práticas promotoras para a equidade racial e de gênero e permeada pelos princípios e procedimentos didáticos do currículo cultural da Educação Física, elegi como tema de estudo o samba. Essa escolha se deu após identificar que a Emei está localizada entre três importantes escolas de samba da região: Mocidade Alegre, Rosas de Ouro e Império da Casa Verde, espaços muito frequentados pelas famílias e crianças aos finais de semana e período de férias.

Com base nesse cenário, realizei um mapeamento acerca dos conhecimentos referentes a essa prática corporal que circulavam entre as crianças, perguntando a elas o que sabiam sobre o samba e em que locais podemos sambar. A primeira criança a falar disse: “*eu sei sambar*”, seguida por muitas outras que disseram: “*eu também*”. Um menino afirmou: “*as mulheres só vestem pouca roupa*”, fala que

foi complementada por uma menina que disse: “*é verdade, tem uma fantasia mais maior pro homem*”. Outra menina disse que para sambar “*tem que arrumar o cabelo, se maquiar... mas a mulher só! Não o homem*”, fala que foi contestada por um menino que rebateu dizendo que “*homem pode maquiar também se quiser*”. Em seguida, as crianças começaram a nomear diversos instrumentos musicais que faziam parte do samba, dentre eles destacaram o pandeiro, o violão, o tambor e o chocalho. Sobre os locais em que podemos sambar, apareceram as falas “*na escola de samba*”, “*na rua*” e “*eles tocam no meu prédio*”. No final da conversa, uma criança disse: “*eu conheço a música que fala samba, samba, samba o lelé*” e as demais disseram que também sabiam e todas elas começaram a cantar vários trechos dessa música, fazendo gestos diversos.

Em seguida, propus uma vivência a fim de continuar mapeando os significados que as crianças atribuíam a essa prática corporal. Para isso, utilizei uma *playlist* do aplicativo Spotify intitulada “Samba de raiz”, uma caixa de som e as crianças dançaram durante certo tempo.





Fonte: Acervo da autora.

Deste modo, o trabalho teve como objetivos ampliar e aprofundar os conhecimentos que as crianças já possuíam sobre o samba, desvelando as gestualidades presentes nessa prática corporal e identificando as narrativas vinculadas a ela que perpetuam estereótipos de gênero, raça e etnia.

Por não possuir muita experiência com a prática corporal escolhida, procurei aprofundar os meus próprios conhecimentos sobre o samba. Para isso, adquiri dois livros após pesquisa realizada na internet, intitulados *Uma história do Samba – as origens*, de Lira Neto, e *Dicionário da história social do Samba*, de Nei Lopes e Luiz Antonio Simas. Além disso, assisti diversos vídeos na internet e conversei com amigos e amigas que frequentam escolas e rodas de samba de diferentes configurações e em distintas localidades na cidade de São Paulo.

Os dois livros adquiridos foram importantes para que pudesse conhecer mais sobre a história do samba, além de possuírem imagens que foram muito úteis nos momentos com as crianças. Com base nesses suportes de pesquisa, elaborei uma contação de histórias para as crianças, procurando construir com elas o percurso e a história do samba no Brasil. Fomos para o gramado da escola, fizemos uma roda e lá utilizando mapas, fantoches e brinquedos

como recursos, narrei sobre a condição da chegada dos negros africanos no Brasil, a origem do samba na Bahia pela mistura dos ritmos musicais, o samba de umbigada, a migração de parcela dessa população para o Rio de Janeiro se desenvolvendo, o samba carioca em um espaço chamado por eles de “Pequena África”, os primeiros instrumentos musicais e a figura de Tia Ciata.

As crianças participaram ativamente dessa contação, com falas e contribuições como: “*eu já fui na Bahia, minha vó mora lá*”, “*o ano passado a gente apresentou um samba da Bahia na festa, lembra?*”, “*minha vó mora no Rio de Janeiro, mas ela não sabe sambar*”, “*eles sentiam saudades da África e se juntavam pra fazer festa, cantar, dançar, comer...*”. Vale ressaltar que a escola possui um Projeto Político Pedagógico voltado para a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o trabalho com as relações étnico-raciais e a história da cultura africana e afro-brasileira na escola desde a Educação Infantil e que as crianças, principalmente as mais velhas da turma, já estavam familiarizadas com a discussão de alguns assuntos abordados por essa contação de história.

Quando comentei sobre alguns instrumentos musicais que compõem as músicas de samba, como o ganzá e o reco-reco, muitas crianças disseram não os conhecer. Então, perguntei para a coordenadora pedagógica da escola se ela poderia trazer esses instrumentos para que eu mostrasse às crianças, uma vez que ela é instrumentista em um grupo de maracatu e sabia que poderia me ajudar. Assim ela fez e propus uma vivência em que as crianças puderam tocá-los e descobrir o som que produziam.



Fonte: Acervo da autora.

Desejosa de que as crianças acessassem outros discursos e fontes diferentes das já recorridas até então, por contatos que fiz nas redes sociais, consegui que o Kleber, um sambista que integra o grupo amador Descontrole, fosse até a escola conversar com a turma sobre sua relação com o samba. As crianças ficaram muito empolgadas com a ideia e elaboramos algumas perguntas para fazer a ele, dentre elas: como você conheceu o samba? Quais instrumentos você sabe tocar? Você dança também? Do que você brincava quando era criança?

No dia da visita, Kleber retomou com as crianças alguns aspectos da história do samba e contou a elas sua história de vida. Disse que desde criança tocava samba com seus familiares, que já desfilou em diversas escolas de samba da cidade de São Paulo, explicou um pouco como elas funcionam, contou que sabe tocar 10 instrumentos musicais e que atualmente faz shows em bares, festas, restaurantes e demais estabelecimentos com a sua banda. Ele também levou seu cavaquinho, explicou um pouco sobre esse instrumento e propôs que fizéssemos uma roda de samba. As crianças dançaram, cantaram trechos de sambas que ele ensinou, perguntaram sobre as roupas

que ele fazia os shows, quantas tatuagens ele tinha, pediram para segurar seu cavaquinho e para cantar “Samba, samba, samba o lelé”.



Fonte: Acervo da autora.

Procurando aprofundar os conhecimentos sobre a prática corporal estudada e problematizar algumas questões levantadas pelas crianças, utilizei a sala multimídia da escola para projetar algumas imagens e conversarmos. Levei imagens de passistas de escola de samba, de homens e mulheres se arrumando para o desfile, de grupos de samba compostos apenas por mulheres, grupos compostos por homens e mulheres e de sambas de roda do recôncavo baiano. Em cada uma delas, parávamos para conversar sobre nossas impressões. Novamente foi levantada a questão de a passista estar com pouca roupa e perguntei para as crianças se elas viam algum problema nesse fato. Uma menina falou: “*quando a gente vai na praia, também usa roupas parecidas com elas, só que sem o brilho e a maquiagem*”, fala que foi complementada por outra menina que disse: “*igual quando tá calor e a gente tira a blusa no parque*”. Conversamos então sobre a importância de

sempre respeitar o corpo da outra pessoa, esteja ela com muita ou com pouca roupa. Falamos também que os desfiles das escolas de samba ou as diversas rodas de samba existentes são momentos de festa, de celebração e que as pessoas se arrumam, se vestem e se maquiam de diferentes formas para esse momento, e o importante era a pessoa se sentir bem com o jeito que está vestida ou maquiada, seja homem ou mulher.

Algumas semanas depois, a escola recebeu o convite para assistir gratuitamente a peça *Bento Batuca*, em cartaz por apenas dois finais de semana no Teatro Jaraguá. Fiquei muito empolgada quando tive contato com a sinopse da peça, uma vez que seu texto narra a história de Bento, um menino que batuca em tudo e em qualquer lugar desde que nasceu e que, ao receber uma notícia que vira a sua vida de ponta-cabeça, parte em uma viagem a procura da batida do seu coração, passando pela Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro e mergulhando na capoeira, no frevo, no maculelê e no samba, reencontrando suas origens. A ida até a peça era mais uma oportunidade de ampliação dos nossos conhecimentos e foi pauta de uma das reuniões do conselho de escola. Após a aprovação, lá fomos nós! As crianças aproveitaram muito o espetáculo e quando o personagem Bento estava mergulhando na história do samba, apareceu a personagem da Tia Ciata e nesse momento vi muitas cabecinhas virando em minha direção e dizendo: “É a Tia Ciata, prô! É a Tia Ciata!”.

As crianças que foram ao teatro receberam a tarefa de contar para as que não puderam ir um pouco sobre a história e as sensações que tiveram. A peça tinha uma banda ao vivo e as crianças falaram sobre os instrumentos, as características dos personagens e a viagem realizada por Bento, citando a Tia Ciata e as roupas que estava vestida.



Fonte: Acervo da autora.

Aproveitei esse momento para contar às crianças que, por algum tempo, as práticas corporais retratadas pela peça eram proibidas, que as pessoas que as praticavam tinham que fazer isso escondidas e questionei se elas sabiam o porquê desse cenário. Um menino disse: *“acho que tinham pessoas que não gostavam do barulho que eles faziam”*. Provoquei perguntando se isso era motivo o suficiente para que eles fossem proibidos de dançar e grande parte das crianças disseram que não. Foi então que uma menina falou: *“acho que já sei, prô! Era porque eles eram negros né? As pessoas que dançavam? Até teve um apartheid igual o do Nelson Mandela na África do Sul!”*. As crianças estavam estudando a vida de Nelson Mandela nesse período e o apartheid era pauta de nossas investigações, possibilitando essa associação. Conversamos então que, apesar de isso ter acontecido há muito tempo, até hoje os negros sofrem racismo e muitas das suas práticas são tratadas com preconceito.



Fonte: Acervo da autora.

No ano de 2017, as crianças tiveram algumas oficinas de capoeira e samba de umbigada e em vários momentos de nossas vivências comentavam sobre isso. Decidi então adentrar nessa modalidade para contemplar a fala das crianças que já estudavam na escola o ano passado e também as crianças novas. Para isso, fomos até a sala multimídia novamente para assistir dois vídeos: uma entrevista com uma mulher negra contando brevemente sobre a história e alguns aspectos do samba de umbigada do recôncavo baiano e outro que mostrava homens e mulheres em uma roda de samba. Pedi para que as crianças que já estudavam na escola explicarem para as demais o que já sabiam sobre o samba de umbigada e elas fizeram uma pequena demonstração, executando o movimento da umbigada e dizendo para que ele servia.



Fonte: Acervo da autora.

Após esse momento, fomos para a vivência. A escola possui cerca de 20 saias modelo três marias que usamos nos eventos culturais e apresentações das crianças e alguns instrumentos musicais à disposição das professoras. Utilizamos esses materiais e também a caixa de som com o álbum *O Recôncavo Baiano em Samba de Roda*, do grupo Filhos de Nagô, e combinei com a turma que, como não havia saias e instrumentos em número suficiente para todos, iríamos revezar. Na primeira vivência, todas as meninas optaram pela saia e os meninos disputaram o tempo todo os instrumentos, uma vez que não tinham muitos e alguns ficaram sem.

Em uma segunda vivência, fizemos o mesmo combinado de revezar as saias e instrumentos e reiterei novamente que meninos e

meninas poderiam optar por vestir ou tocar o que desejassem. Dessa vez, um menino quis experimentar a saia, fez alguns giros com ela, mas logo foi escolher um instrumento. Algumas meninas não quiseram colocar a saia e optaram apenas pelos instrumentos e outras usaram saias e tocaram instrumentos ao mesmo tempo, criando o nosso próprio jeito de sambar.



Fonte: Acervo da autora.

Foi interessante perceber que na segunda vivência os meninos também quiseram dançar e estar junto com as meninas, o que não aconteceu da primeira vez, em que apenas se sentaram todos juntos no chão e ficaram tocando os instrumentos sem demonstrar interesse por dançar e estar com elas. Realizamos um registro dessas vivências no portfólio individual das crianças (caderno grande de desenho fornecido pelo kit de materiais da prefeitura) e as crianças desenharam as saias ressaltando suas estampas, desenharam meninos e meninas dançando e usando instrumentos e o gesto da umbigada. Durante todo o trabalho, as fotografias e os vídeos também foram formas

de registro, que nos auxiliaram a desenhar todo o percurso vivido e também a planejar as próximas ações didáticas que faríamos.

Conversando com a diretora da escola sobre o estudo que estávamos realizando, ela me contou que a avó de uma menina de outra turma era participante ativa da escola de samba Rosas de Ouro e poderia ser uma ótima oportunidade de levarmos as crianças até lá. Eu pirei com a ideia e as crianças mais ainda! Conversamos com ela, com a perueira da escola que se dispôs a levar as crianças sem nenhum custo e lá fomos nós conhecer mais sobre as escolas de samba, em especial a Rosas de Ouro.

Fomos até a sala multimídia e vimos uma imagem de satélite do bairro do Limão, localizando a nossa escola e a quadra da Rosas de Ouro. Vimos um vídeo que mostrava sua bandeira explicando seu significado, um ensaio acontecendo na quadra da escola e imagens de um desfile no sambódromo em que analisamos a comissão de frente, o abre-alas e a porta-bandeira, os carros alegóricos, a rainha da bateria, a bateria e o samba-enredo da escola. Infelizmente, a visita ainda não aconteceu, pois não conseguimos uma data e um horário que fosse possível a escola nos receber. Porém, nos garantiram que no início do semestre que vem a visita acontecerá e espero acrescentar mais algumas linhas nesse relato muito em breve.

Olhando para o percurso traçado com as crianças durante essa tematização, observo que participamos de diversas situações didáticas de problematização, ampliação, aprofundamento, mapeamento, registro e avaliação dos conhecimentos e significados referentes ao samba e aos seus praticantes. Noto que as nossas discussões e vivências extrapolaram o período que nos dedicamos a esse estudo, uma vez que as crianças se juntam para fazer rodas de samba no parque, pegam o lixo da sala e materiais não estruturados para batucar e sempre pedem para eu colocar músicas de samba no meu celular. Outro efeito muito interessante que observei recentemente foi durante a Copa do Mundo, em que vários meninos quiseram fazer maquiagem do Brasil no rosto e até mesmo passaram batom verde.

Acredito que tudo o que vivemos durante o estudo do samba contribuiu para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre

essa prática e ampliar os significados que já tínhamos sobre ela, tocando em diversas questões que dão sentido ao Projeto Político Pedagógico da escola e o tornam vivo, legitimando a luta de cada professora e membro da equipe Emei Nelson Mandela por uma sociedade menos desigual.